



RITCHIE, J.; LEWIS, J. (Eds.) **Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers.** London: Sage Publications, 2003.

Ana Maria Canesqui<sup>1</sup>

Crece a divulgação da literatura sobre metodologia da pesquisa qualitativa, ampliando adeptos e interesses de usá-la nos vários campos do conhecimento das ciências sociais e humanas e das áreas da Saúde e Educação. Ritche, psicóloga, e Jane Lewis, especialista na pesquisa qualitativa, formada em direito, pertencem a uma organização de pesquisa independente inglesa - o Centro Nacional de Pesquisa Social - criada em 1969, que abriu uma divisão de pesquisa qualitativa em 1985.

O livro, por elas organizado, traduz essa experiência em vários campos da pesquisa social e, sobretudo, na política pública, dominada durante longo tempo pelos estudos quantitativos, objetivistas e modelos multicausais. Na coletânea reúnem-se membros daquela organização, especializados em aspectos dos métodos qualitativos, cujas qualificações abraçam: os que combinam estas metodologias com os métodos quantitativos; os que aplicam grupos focais; os interessados na academia, assessorias e formação de pesquisadores, assim como os que fazem pesquisas qualitativas aplicadas às organizações; à avaliação de políticas públicas, enquanto

pesquisas estratégicas, interessadas em subsidiar as intervenções e a gestão, distinguindo-se dos estudos de desenvolvimento das teorias.

O livro é um guia para pesquisadores e estudantes, passando pela discussão dos diferentes tipos de pesquisa qualitativa, seu papel, usos, desenho, amostra, seleção das informações e análise. No final de cada capítulo, está um resumo dos aspectos principais abordados e dos conceitos-chave desenvolvidos pelos autores, juntamente com uma bibliografia básica sobre o assunto, orientando didaticamente os leitores.

O primeiro capítulo, assinado por Dawn Snape e Liz Spencer, reconhece a diversidade das concepções da pesquisa qualitativa e abraça a clássica definição de Denzin e Lincoln, situando-a como um tipo de pesquisa naturalística, interpretativa, voltada à compreensão do significado atribuído às ações, decisões, crenças e valores circundantes no mundo social. Os autores abordam o desenvolvimento histórico da pesquisa qualitativa, desde as posturas positivistas e empíricas, chegando às correntes interpretativas, críticas, feministas e pós-modernas, que percorreram o século passado com posicionamentos

<sup>1</sup> Professora aposentada, colaboradora do Departamento de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Caixa Postal 6111. Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. 13.083-887. anacanesqui@uol.com.br

ontológico e epistemológico deste tipo de investigação, que aposta na capacidade criativa e interpretativa dos sujeitos em ação no mundo.

Os autores descartam a neutralidade da investigação, endossando a posição ontológica da dependência do mundo social do entendimento subjetivo dos sujeitos, compreendendo e admitindo ser multifacetada a captura da realidade. Associam o interpretavismo ao pragmatismo, ao contexto e às circunstâncias vividas pelos informantes, aceitando a combinação dos métodos qualitativos e quantitativos.

O segundo capítulo, de Jane Ritche, aborda a aplicação dos métodos qualitativos, chamando a atenção para o fato de este tipo de pesquisa ter-se ligado, anteriormente, à produção do conhecimento, e não aos assuntos voltados às políticas públicas. Ela descreve os tipos de estudos - contextuais; explanatórios ou associativos; avaliativos; de efetividade; generativos - e os tipos de abordagens utilizadas, como: a observação e observação participante; a análise documental, de conversação e de discurso, juntamente com a geração das informações. Estas são obtidas pelos métodos biográficos; entrevistas individuais, temáticas ou grupais; entrevistas em profundidade, narrativas e grupos focais, ou pela combinação destes procedimentos. Adverte a autora sobre a subordinação e dependência das diferentes técnicas aos propósitos do estudo.

O terceiro capítulo, assinado por Jane Lewis, dedica-se ao desenho dos estudos, mostrando a importância da flexibilidade da pesquisa qualitativa, sempre aberta ao desconhecido, aos imprevistos e à permanente revisão dos seus pressupostos iniciais e abordagens. A autora fornece um roteiro bastante didático dos passos a serem percorridos na elaboração de um projeto de pesquisa; dos relacionamentos preliminares necessários; da escolha da população; dos contatos com os participantes; do desenho dos instrumentos utilizados e preparo da ida ao campo. Ressente-se a ausência de discussão dos aspectos éticos das pesquisas, que estão dentre os passos a serem observados pelos pesquisadores.

Os capítulos seguintes são contínuos e nucleares da coletânea, nela ocupando grande espaço. O capítulo 4 centra-se no desenho; seleção da amostra e implementação da

pesquisa, sendo assinado por Jane Ritchie, Jane Lewis e Gillian Elam. O capítulo 5, de autoria de Sue Arthur e James Nazroo, enfoca o desenho das estratégias do trabalho de campo e a obtenção de informações. Traz exemplos dos vários tipos de pesquisas e suas técnicas: histórias de vida, entrevistas em profundidade; discussões em grupos focais, assim como a confecção de roteiros de entrevista, de acordo com os propósitos, tipos de investigação e requerimentos da obtenção das informações.

O capítulo 6, de Robin Legard, Jill Keegan e Kil Ward, é bastante extenso e dedicado somente à entrevista em profundidade, seus tipos, e a importância das habilidades dos pesquisadores em perguntar, ouvir e estabelecer um relacionamento empático com os sujeitos da pesquisa, convocando o uso da sensibilidade às reações dos entrevistados. Os autores exploram detalhadamente a técnica de grupo focal em todas as suas etapas: as discussões, fases, tamanho, organização; condução; a participação de observadores e o uso de equipamentos de gravação. Ressaltam o caráter interativo e participativo desta técnica e a importância de o pesquisador assumir o papel de guia das discussões.

O capítulo 8, assinado por Liz Spencer, Jane Ritchie e William O`Connor, dedica-se ao processo, princípio e prática da análise, como uma etapa que requer criatividade, sistematização, inspiração e diligência do pesquisador. É o momento de se testarem as teorias iniciais e, se necessário, reformulá-las, para se alcançarem os resultados da pesquisa. Os autores observam, pertinentemente, o desprezo da literatura sobre este assunto no século passado, cobrindo-o de mistérios, segredos e obscuridade. Enfatizam as diferentes abordagens, tradições e estrutura da análise; os recursos e métodos disponíveis e a potencialidade da análise reflexiva.

O capítulo 9, de autoria destes últimos autores, continua e detalha as análises das informações qualitativas, incluindo algumas técnicas, como: a análise temática; descritiva; de conteúdo; explanatória; de padrões associativos; a construção de índices e de tipologias, assim como os apoios necessários. Cada tipo é sintetizado em caixas, expondo os principais conceitos e procedimentos. É em torno de um conjunto de assuntos, não exclusivamente

relacionadas às políticas, que exemplificam os tipos de análise e sínteses das informações obtidas sobre temas como: os sem-teto; a sexualidade; gays e lésbicas.

O capítulo 10, de Jane Lewis e Jane Ritcher, discute a generalização da pesquisa qualitativa, seu caráter contextual e particular, sua validade e relação com a generalização, apontando um importante princípio a ser seguido: o uso das bases de evidências; a explicitação das rotas analíticas e dos níveis de interpretação; a checagem do desenho da pesquisa e da conduta do pesquisador, e a validação das interferências.

Finalmente, no capítulo 11, Clarissa White, Kandy Woodfiel e Jane Ritcher discutem a apresentação das informações, apontando o caráter inacabado do relatório final exposto, nas suas palavras, à “continuidade da jornada da interpretação e classificação das informações que requerem contínua exploração, futuras interrogações, padrões de associação, detalhes das interpretações e exploração”. Assim, não se admite a existência da voz única e onipotente do pesquisador, mas de múltiplas, incluindo os leitores que podem fornecer novas interpretações ao texto. Portanto, este tipo de análise detém o caráter inacabado e provisório.

São explorados, ainda, os diferentes estilos de apresentação do relatório final e suas possíveis combinações, como: descritivo; complexo; diagramático; tipológico; ilustrativo; associativo; explanatório das evidências ou dos conceitos. O texto, finalmente, traz orientações à apresentação oral das informações, que geralmente costumam ser relegadas, na academia, ao autodidatismo dos expositores.

Não se trata apenas de mais um livro sobre a pesquisa qualitativa, mas sua didática, discussões conceituais e práticas, amplamente fundadas na teoria e na experiência dos autores neste tipo de pesquisa, tornam o texto acessível e útil, tanto aos pesquisadores iniciantes quanto aos experientes, que procuram se aperfeiçoar neste tipo de metodologia. Resta alguma frustração em relação às expectativas iniciais, geradas no leitor, de maior detalhamento e análise qualitativa, de natureza avaliativa, das políticas públicas, que poderiam ter sido mais contempladas nos exemplos usados pelos autores.